

|

Maria Constança L. R. Junqueira

Confiança: Um estudo sobre sua construção na infância e sua influência
nas relações amorosas

COGEAE – PUC

São Paulo

2010

|

Maria Constança L. R. Junqueira

Confiança: Um estudo sobre sua construção na infância e sua influência
nas relações amorosas

Monografia apresentada ao COGEAE –
PUC/SP para a obtenção do grau de
especialista em Abordagem Junguiana, sob a
orientação do Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

COGEAE – PUC

São Paulo

2010

|

Ao meu pai, com amor.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por existir e me dar força e confiança;

À Nossa Senhora por ser a minha mãe querida que me acolhe em todos os momentos de aflição;

À minha mãe Joana por me ensinar a nunca desistir da luta, ser justa e amar as pessoas como elas são;

Ao meu pai por ter me transmitido esperança, fé e sabedoria;

Às minhas irmãs Carolina e Simone, pelos desafios que enfrentamos juntas;

À Juarez, por acreditar em mim;

À Bete, pelos momentos compartilhados e pela generosidade de sua amizade;

A todas as minhas amigas e amigos, por me aceitarem como eu sou;

À Luciana por revisar este trabalho com todo o carinho e dedicação;

Ao Dr. Durval Luiz de Faria, pelos conhecimentos generosamente transmitidos;

A todos os professores do curso por me ensinarem a valorizar o ser humano cada vez mais;

Às mulheres entrevistadas por confiarem e exporem suas vidas para a realização desta pesquisa.

Poema

*Eu hoje tive um pesadelo e levantei atento, a tempo
Eu acordei com medo e procurei no escuro
Alguém com seu carinho e lembrei de um tempo
Porque o passado me traz uma lembrança
Do tempo que eu era criança
E o medo era motivo de choro
Desculpa pra um abraço ou um consolo
Hoje eu acordei com medo mas não chorei
Nem reclamei abrigo
Do escuro eu via um infinito sem presente
Passado ou futuro
Senti um abraço forte, já não era medo
Era uma coisa sua que ficou em mim, que não tem fim
De repente a gente vê que perdeu
Ou está perdendo alguma coisa
Morna e ingênua
Que vai ficando no caminho
Que é escuro e frio mas também bonito
Porque é iluminado
Pela beleza do que aconteceu
Há minutos atrás*

(Cazuza/ Frejat)

Resumo

Título: Confiança: Um estudo sobre a sua construção na infância e sua influência nas relações amorosas

Nome: Maria Constança L. R. Junqueira

Orientador: Dr. Durval Luiz de Faria

O presente trabalho tem como objetivo compreender como o sentimento de confiança nas relações parentais influencia nos relacionamentos amorosos na vida adulta. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa com mulheres na faixa etária dos 35 à 45 anos.

Utilizamos a obra de Carl Gustav Jung como principal referência da abordagem teórica adotada, a psicologia analítica, e buscamos na obra dos principais expoentes desta teoria como Neumann, Hillman, Byington, Faria Lima, Edinger, Benedito, Stanford, Stein, Carotenuto entre outros, a compreensão do fenômeno estudado.

A vivência relatada pelas entrevistas aponta que, em graus variados, a confiança internalizada na infância influencia a maneira como estas mulheres irão se relacionar e conduzir seus relacionamentos amorosos. A pesquisa aponta, como principais consequências da relação com os pais, a autoconfiança desenvolvida por essas mulheres e a forma como estas projetarão este sentimento em suas relações.

Palavras Chave: relação parental, relação conjugal, confiança, psicologia analítica, eixo ego-Self

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1	12
Arquétipo	12
Complexo	14
Ego e Consciência	15
Self e Inconsciente	16
Capítulo 2	18
Desenvolvimento da relação primal e do eixo ego - Self	18
Aspectos da relação materna	20
Aspectos da relação paterna	23
Capítulo 3	26
A experiência da conjugalidade	26
Capítulo 4	29
Objetivo	29
Método	29
Instrumento	30
Procedimento de coleta de dados	30
Participantes	30
Procedimento de análise de dados	32
Capítulo 5	33
Resultados	33
Discussão	44
Considerações finais	48
Referências	50
Anexo	53

Introdução

A possibilidade de nos relacionarmos com o outro oferece a chance de crescermos e desenvolvermos nossa consciência, a fim de nos tornarmos seres humanos íntegros. A partir desta reflexão, perguntamo-nos qual seria o elemento ou a estrutura interna que nos disponibiliza construir relacionamentos saudáveis e significativos.

Pensamos, à princípio, que independente de qual espécie for esse relacionamento, amoroso, profissional ou de amizade, precisamos ser confiantes em deixar o outro aproximar-se de nós e vice-versa. E esta confiança, a priori, precisa estar internalizada em nós.

Acreditamos que ter vivido experiências significativas e cheias de afeto, desde o início de nossas vidas, contribui para a construção de nossos relacionamentos. Portanto, norteamos o presente trabalho em dois recortes específicos da vida, a infância e a vida adulta, tentando buscar as interferências e as correlações que estas possam apresentar em relação à confiança. Nosso objetivo primordial, portanto, será o de tentar compreender como as relações parentais influenciam na confiança estabelecida no relacionamento amoroso adulto.

A psicologia analítica será a abordagem adotada nesta monografia, pois não é apenas nosso referencial teórico, mas sim pessoal, por acreditarmos que ela se preocupa com a qualidade de nossas relações, como Stein ilustra (1999): *“Todo novo encontro humano requer ato de fé – a confiança que o outro não nos fará mal, de que suas intenções são nobres e benévolas – para que o relacionamento prossiga e se desenvolva”* (pg. 115)

Esta abordagem também nos oferece a oportunidade de construirmos um conhecimento não apenas pautado na cognição e nas formulações conceituais, mas em um aprendizado que utiliza todos os nossos sentidos, os nossos pensamentos e as nossas emoções, de forma a dar corpo a um trabalho científico que transforma sujeito e objeto mutuamente. Sobre isso Pereira nos fala que (2001):

O trabalho de concretização de uma monografia implica que o pesquisador acredite naquilo que está propondo (...). A capacidade

continua de avaliar-se na trajetória da realidade é que permite o crescimento do poder pessoal e da autoridade interna (pg. 16).

Por esta razão, vasculhamos nossos sentimentos, e pensamentos, tentando encontrar a questão que intimamente nos afeta enquanto pesquisadoras, psicólogas e mulheres.

Passamos por situações de traição, não apenas com nossos pares amorosos, mas também em situações familiares e profissionais que despertaram raiva, tristeza e frustração. Muitas vezes, sentimos que os relacionamentos não valem a pena e que a única saída para o ser humano é continuar sua trajetória de vida sozinho. Porém, sabemos que a escolha de uma vida assim deve acontecer não por essas razões, mas para um encontro genuíno consigo mesmo e com objetivos nobres, sejam eles individuais ou coletivos. Por isso, a experiência própria e de outras pessoas, como por exemplo a vida de Christopher McCandless¹, entendemos de alguma forma que precisamos lidar com nossas inseguranças e que precisamos encontrar um meio de compartilhar a vida com amor e esperança. Assim, o tema confiança configurou-se em meio à estas reflexões e vivências.

Em relação ao tema, a confiança, a palavra em sua etimologia significa segundo o Dicionário Michaelis:

sf (de confiar) **1** Ação de confiar. **2** Segurança íntima com que se procede. **3** Crédito, fé. **4** Boa fama. **5** Segurança e bom conceito. **6** Esperança firme. **7** Familiaridade. **8** pop Atrevimento, insolência, malcriação. **9** Ato libidinoso; licença. sm Reg (Rio Grande do Sul) Empregado (ou animal) de confiança, com que se pode contar em qualquer situação. Antôn (acepções 1, 2, 3 e 6): desconfiança. Com confiança: cheio de confiança. Dar confiança (a alguém): permitir ser tratado com familiaridade ou com menos respeito que o devido. De confiança: em quem se pode confiar. Tomar confiança: tornar-se confiado; perder o respeito.

Especificamente ao que diz respeito à confiança, tentaremos abordar o tema a partir dos significados de segurança íntima com que se procede, fé e esperança firme.

Pesquisando sobre família e relações parentais, encontramos a afirmação de Jung (2007): *“o relacionamento com os pais é, de fato, o canal infantil por excelência por*

¹ Referência tirada do filme biográfico “Na Natureza Selvagem”, 2007.

onde flui de volta a libido ao encontrar obstáculos na vida posterior e por meio do qual revive conteúdos psíquicos da infância (...)” (pg. 295)

A respeito disso, compreendemos que a cada situação penosa da vida retomamos as vivências infantis, e a estrutura fornecida neste período poderá auxiliar, ou não, em nosso fortalecimento psíquico para prosseguirmos com a vida. Ao revivermos períodos arcaicos, o que podemos encontrar talvez seja esta segurança íntima, fé e esperança.

Porém, Werres (2009) nos fala que *“seja de forma positiva ou negativa, todo ser humano carrega uma ideia de referência sobre sua família”*. Essa concepção nos remete à estrutura conceitual do complexo, pois sua principal característica é de carregar sentimentos mobilizadores a respeito de alguma vivência, que neste caso específico é a família.

Pensamos que a ideia de complexo corrobora com o que Jung diz acima, pois ao retornarmos em momentos difíceis às vivências infantis, estamos inevitavelmente fazendo-o a partir de nossos complexos. No entanto, quando realizamos este retorno a partir de experiências que promovam o autoconhecimento, temos a possibilidade de encontrar a raiz destes complexos.

Neste aspecto, o que encontraremos são os arquétipos, pois quando constelados no núcleo familiar, nos reportam a vivência do pai e da mãe arquetípicos.

Segundo Vidigal (2007), *“Cada geração tem a tarefa de compreender de novo os arquétipos e seus efeitos, encontrando uma nova interpretação através de novas representações simbólicas”* (pg.77). Assim, entender como se configura estas relações dentro da família nos traz um horizonte para compreendermos os valores contidos nas relações humanas atualmente.

Contextualizar a dinâmica conjugal também se faz necessário, visto que o presente trabalho tem interesse em correlacionar as vivências infantis e as dos relacionamentos amorosos atuais.

Segundo Jung (2008), *“a escolha de nossos parceiros normalmente se realiza de maneira inconsciente e instintiva (pg. 196)”*. Na esfera instintiva, o ser humano busca se relacionar com a finalidade de conservação da espécie, o que caracteriza os

relacionamentos conjugais como coletivos. No entanto, a partir do âmbito psíquico, só é possível entender a escolha de cada parceiro a partir de um exame de suas motivações inconscientes.

Por isso, a pesquisa a seguir pretende entender como o sentimento de confiança, estabelecido na infância com nossos pais, interferem na construção da confiança em nossos relacionamentos amorosos.

Utilizaremos, como metodologia, a pesquisa qualitativa e como procedimento de coleta de dados, a entrevista semidirigida, pois acreditamos que esta possibilita a abertura necessária para a investigação de conteúdos inconscientes.

Para preservar a ética através de certo distanciamento das entrevistadas, tentamos nos diferenciar das participantes escolhidas para a pesquisa em relação à idade, que foi estabelecida na faixa dos 35 aos 45 anos. Esta também foi delimitada por acreditarmos que neste período da vida podemos encontrar participantes que já tiveram relacionamentos afetivos importantes, mesmo que estes não tenham se configurado como um casamento propriamente dito nos termos da lei.

O trabalho a seguir está composto por capítulos teóricos, para a melhor compreensão do tema, a partir do referencial teórico da psicologia analítica. Os capítulos estão estruturados da seguinte forma:

No primeiro capítulo, falaremos sobre os principais conceitos da psicologia analítica como ego, Self, inconsciente coletivo e pessoal, consciência, arquétipo, complexo. No segundo capítulo, explicaremos sobre desenvolvimento psíquico infantil, sobre a relação materna e paterna. No terceiro capítulo, abordaremos a vivência da conjugalidade.

O objetivo deste trabalho, o método, o instrumento utilizado, os procedimentos de coleta de dados e de análise encontram-se no quarto capítulo. O quinto capítulo está dividido entre a análise descritiva das entrevistas e a discussão dos resultados encontrados. Por fim, teremos as considerações finais, as referências bibliográficas em anexos, o roteiro de entrevista e uma cópia do termo de livre consentimento esclarecido.

Capítulo 1

Arquétipo

Para que possamos realizar uma leitura do problema proposto, baseada na psicologia analítica, faz-se necessário compreendermos alguns dos principais conceitos desenvolvidos por Jung.

Jung não teve a pretensão, ao mapear a psique humana, de criar [idéias](#) e valores universais baseando-se apenas em observações subjetivas e filosóficas. Seu objetivo, como empirista, era observar seu objeto de estudo, a psique, valorizando as [idéias](#) já propostas pela filosofia, pela biologia, pela teologia e por outras áreas do conhecimento, para conceber uma Psicologia da Alma mais científica.

Considerando o inconsciente não apenas como arcabouço de conteúdos reprimidos ou esquecidos pela consciência, Jung aprofundou sua observação nas manifestações inconscientes na consciência, como as fantasias, as representações e as imagens.

Diferentemente de Freud sobre a representação dos símbolos, como conteúdos reprimidos e esquecidos pela consciência, Jung considerou apenas como símbolos aqueles conteúdos dos quais nada se sabe e representam algo novo e a ser descoberto.

É a partir deste princípio que a nova psicologia proposta por Jung começa a se configurar para a que conhecemos atualmente como [psicologia analítica](#).

Um mapeamento minucioso da psique sobre os processos inconscientes e conscientes foi traçado. Jung investigou que na esfera inferior da psique pode-se observar um caráter mais diferenciado, individual e pessoal dos conteúdos inconscientes, porém, em outra esfera, mais superior, estes conteúdos são indiferenciados e universais.

Ele iniciou esta descoberta a partir da observação das fantasias e das imagens de seus pacientes, estimulados por ele a representarem livremente estes conteúdos internos. Essa necessidade surgiu da análise de que alguns pacientes nada sabiam

a respeito de certas pressões internas das quais sofriam. As formas e as imagens que eram apresentadas por alguns pacientes se repetiam em tantos outros e em épocas, em situações e em sociedades diversas:

(...) é um impulso obscuro que decide, em última análise, quanto à configuração que deve surgir; é um a priori inconsciente que nos leva a criar formas, e ninguém fez a mínima de que a consciência do outro é guiada pelos mesmos fatores, embora, em tais momentos, tenhamos a impressão de que nos achamos à mercê de uma casualidade subjetiva sem limites. (Jung, 1971 pg.144)

Este método desenvolvido por Jung, com seus pacientes, ganhou o nome de imaginação ativa, processo pelo qual conteúdos inconscientes fornecem uma forma a ser preenchida pelo consciente, assim como acontece nos sonhos, mas com uma participação menos preponderante da consciência.

Independente dos limites existentes em toda técnica, Jung reconheceu nessas experiências, a base de sua teoria do inconsciente coletivo como a existência de *“certas condições coletivas inconscientes que atuam como reguladoras e estimuladoras da atividade criadora”* (...) (ibidem, p 144).

O desdobramento deste fenômeno encaminha o ser humano para o processo no qual Jung chamou de individuação, aspecto importante a ser desenvolvido e observado dentro do processo de amadurecimento do ser humano.

As condições coletivas, referidas acima por Jung, ganharam o nome de arquétipos, estruturas centrais do inconsciente coletivo. O termo arquétipo já existia na Antiguidade, como descreve Jung (2008) no texto “O conceito de arquétipo”, para designar ideia, no sentido platônico, como precedente ao fenômeno.

Mais adiante, neste mesmo texto, Jung cita o arquétipo como entidade, ou seja, algo que tem uma existência distinta e própria, no caso, do significado ao qual será incorporado. Portanto, o arquétipo fundamenta a ideia de que o homem não nasce totalmente vazio e à mercê da cultura vigente, mas com um a priori psíquico.

Os arquétipos, então, são possibilidades inconscientes de estruturas universais que influenciam nosso modo de pensar, de agir e de sentir no mundo. Dessa maneira, quando interagimos (ao nascermos e ao longo de nosso desenvolvimento psicológico) com nossos pais, por exemplo, estamos constelando inicialmente o

arquétipo materno e paterno. Esses estruturarão nossas vivências reais com o pai e a mãe.

A importância em entender e em se conscientizar do dinamismo entre arquétipo e experiência concreta está em propiciar um crescimento ao indivíduo. Isto porque quando somos tomados pelo arquétipo, somos transportados para um estado numinoso e cheio de plenitude de sentido.

Apreendermos a realidade como ela é, em seus aspectos positivos e negativos inerentes à vida, é uma necessidade essencial para nossa compreensão e para a aceitação das pessoas, do mundo e de nós mesmos.

Por outro lado, desconectar-se completamente do arquétipo, nos restringe vivenciar formas diferentes de existir, de agir e de pensar, podendo pela raiz qualquer forma criativa de viver.

Complexo

Comentamos no tópico anterior a importância de nos conscientizarmos sobre a experiência concreta e sobre a influência que o arquétipo exerce sobre esta. Porém, existe outro elemento de extrema importância para compreendermos esse dinamismo no qual se configura nossa psique. Este é o complexo.

Em certas ocasiões e em situações de nossa vida sentimos uma forte carga emocional que geralmente desencadeia uma atitude não esperada e programada. Sentimo-nos possuídos por algo que não corresponde à nossa vontade moral ou ética e antecipa qualquer atitude ponderada que pudéssemos tomar. Em [psicologia analítica](#), podemos descrever este tipo de reação como típica de um complexo.

Os complexos são elementos estruturais de nossa psique que agrupam um aglomerado de idéias e associações carregadas de extrema tonalidade afetiva. Quando constelados, ou seja, quando uma situação exterior a desencadeia, somos tomados por reações afetivas intensas, normalmente acompanhadas de reações fisiológicas, assim como descreve Jung (2007): *“(...) tudo que é acentuadamente sentido torna-se difícil de ser abordado, porque estes conteúdos encontram-se, de uma forma ou de outra, ligados a reações fisiológicas.”* (pg. 66)

Sugerindo o complexo como mais um elemento de nossa psique, Jung observou no seu famoso teste de Associação Verbal (o experimento pelo qual foi constatada a existência dos complexos) que eles não são infinitamente variável, apontando para a qualidade objetiva de nossa psique, o arquétipo.

O complexo é composto por um aspecto pessoal (o aglomerado de [idéias](#) e associações) que se forma a partir da experiência subjetiva de cada um, e o aspecto universal (o arquétipo) sendo este o seu núcleo.

O arquétipo, como dissemos, existe a priori na psique de cada um, no entanto, a tonalidade afetiva que o complexo ganha com a experiência pessoal é o que o constela a ponto de interferir de forma enfática em nosso comportamento.

A primeira associação realizada por uma experiência e ligada ao complexo pode-se vestir de outras roupagens no decorrer da vida, por se assemelharem. Assim, uma pessoa que vivencia uma relação muito intensa com o pai, por exemplo, pode ter relações parecidas com homens que representem essa primeira figura masculina, intensificando negativamente ou positivamente com novas associações este complexo.

Por esta razão, acreditamos que na análise da pesquisa a seguir, poderemos encontrar várias ligações dos arquétipos materno, paterno, anima e animus com os complexos aos quais estes se revestiram, pois ao estudar as relações humanas, estamos investigando, a princípio, de que forma as experiências pessoais influenciaram a vida de cada indivíduo.

Ego e consciência

Explicar a consciência é uma tarefa complexa, pois aquilo que conhecemos é aquilo que está em nossa consciência de ego. Porém, sabemos que nem todas as realidades de nossa psique encontram-se sob este domínio, e uma parte, mesmo que parcial da consciência, apresenta-se no inconsciente também.

Entretanto, o que podemos apreender da consciência, mesmo que seja do ponto de vista de ego, é que esta pressupõe uma separação entre sujeito e objeto. Segundo Edinger (2004), o ego tem “*o poder reflexivo de olhar para o espelho e se enxergar como uma imagem separada*”. (pg. 19)

Whitmont (2006) descreve as funções do ego enquanto centro da consciência, ele é o sujeito e objeto da identidade pessoal que se prolonga através do tempo, do espaço e da causa e efeito. É o centro e o causador, aparentemente, de planos de ação, de decisões e escolhas pessoais, e o ponto de referência para julgamentos de valor.

Nessa perspectiva, ego é o sujeito ao qual os conteúdos externos e internos são apresentados, e é ele, nesta posição, quem decide quais conteúdos poderão permanecer na consciência e como utilizá-los.

A priori, seu germe já está na psique desde o momento em que nascemos, porém, para se configurar como centro da consciência, ele precisa se desenvolver à medida em que o ser humano necessita de respostas de adaptação ao meio externo e interno. A qualidade de sua estrutura é fator preponderante para esta adaptação, e nos capítulos a seguir, veremos como acontece o seu desenvolvimento.

Self e inconsciente

Tentaremos, neste tópico, fazer uma breve exposição sobre o inconsciente pessoal, o coletivo e o Self, visto que falar sobre este último mereceria um trabalho exclusivo.

O inconsciente pessoal é o arcabouço de conteúdos reprimidos, esquecidos e aqueles que ainda não chegaram à percepção consciente, mas que se encontram passíveis de tal acontecimento.

O inconsciente coletivo, por outro lado, contém componentes de ordem impessoal e coletiva. Ele está em uma esfera superior ao inconsciente pessoal e nele encontramos temas universais, categorias herdadas pela vivência humana ou como foi chamado por Jung, arquétipos. É válido de nota que inconsciente pessoal e coletivo não são distintos em sua localização na psique, mas sim pela especificidade de seus conteúdos, sendo que os dois formam um único inconsciente.

O Self é visto na psique como o centro organizador da personalidade como um todo. Sua estrutura é inapreensível assim como o seu conhecimento. Porém, podemos dizer que em termos de função, ele busca por uma integridade psíquica, através de uma orientação central entre a dinâmica consciente/inconsciente que visa a conscientização e a realização individual, ao qual Jung nomeou de individuação:

A profunda unidade interior num nível consciente é, de fato, uma proeza rara, embora seja apoiada, sem dúvida alguma, por um impulso inato muito forte; Jung fala sobre esse impulso de individuação que não é primariamente biológico, mas, antes, de natureza psicológica. (Stein 2006, pg. 157)

A estrutura psíquica primordial que oferece a oportunidade para o ser humano individuar-se é o Self, pois para que isso possa acontecer, é necessário que ego seja desafiado e questionado em sua busca pela adaptabilidade social e intencionalidade em manter o status quo. Entretanto, o Self se realiza no mundo cotidiano através de ego, por isso, muito mais que duas instâncias separadas, ego e Self em conexão se tornam peça fundamental para um desenvolvimento criativo rumo à individuação.

Capítulo 2

Desenvolvimento da relação primal e do eixo ego – Self

Seguindo a proposta deste trabalho, pretendemos descrever como se inicia o desenvolvimento psíquico e relacional do indivíduo na primeira etapa da vida.

Diversos teóricos do campo psicanalítico como Melanie Klein, Winnicott, Bowlby, Spitz, entre outros, debruçaram seus estudos sobre o desenvolvimento infantil e suas primeiras relações, considerando esta etapa como o grande alicerce da saúde psíquica do ser humano para as fases seguintes da vida.

Dentro da teoria da psicologia analítica, além das considerações feitas por Jung, contaremos principalmente com a descrição baseada na obra de Erich Neumann, um dos principais expoentes desta teoria e quem concentrou boa parte dos seus estudos no desenvolvimento infantil e na relação mãe/bebê, a qual ele denominou de relação primal.

Jung apontou que a criança está ligada e unida à atitude psíquica dos pais e algumas de suas questões podem ter origem nas perturbações psíquicas dos mesmos. Este fenômeno pode ocorrer, pois a criança pequena está imersa na psique dos pais, mais especificamente na da mãe, no primeiro ano de vida, por ainda não ter um ego suficientemente integral e estar em um estado de inconsciência e participação mística (identidade inconsciente) com a mesma:

Nesta identidade não há nada de “místico”, como também não é absolutamente místico o metabolismo existente entre a mãe e o embrião. Esta identidade provém essencialmente do estado de inconsciência em que se encontra a criança pequena, fato que é conhecido de todos. (Jung, 2008 pg. 45)

No período logo após o nascimento, o bebê encontra-se ainda em um estágio pré-ego, cujo ego e consciência estão em desenvolvimento. Neumann descreve essa fase utilizando o simbolismo da Uroboros, cuja imagem é a serpente que engole a própria cauda, pois o ego ainda está contido no centro de Self, como o autor explica:

(...) o Uroboros, como o Grande Círculo em cujo centro, à maneira de um útero, o germe do ego repousa protegido, é o símbolo da situação uterina na qual não existe ainda uma criança com uma

personalidade delimitada de forma suficientemente clara para permitir o confronto com o meio ambiente humano e extra-humano. (Neumann, 1995, pg. 11)

O ego, neste primeiro período, não se encontra totalmente estruturado e por esta razão também não vivencia nenhum tipo de tensão com o Self e o mundo externo, pois ainda não se configurou como estrutura central da consciência e não apresenta sua principal característica, a polarização e a unilateralidade.

Na fase embrionária, anterior ao nascimento, a criança vive completamente dentro do corpo e do mundo da mãe. Seu Self corporal, ou seja, o sistema que regula a totalidade de seu organismo, ainda está totalmente abarcado pelo Self da mãe. No entanto, esta realidade sobreposta estende-se após o nascimento da criança até o desenvolvimento completo de seu Self individual; ela continua a se desenvolver fora do corpo da mãe, mas não fora de seu Self, em um estado de unidade com a mesma.

No primeiro mês de vida, esta sensação aparece, por exemplo, nos momentos de desprazer, pois a mãe que prontamente atende à criança em seu desconforto reforça a conexão entre eles. Para o bebê, o limite corporal e psíquico estende-se à mãe, ao seu seio e acolhimento:

Da mesma forma que para o ego, por exemplo, existe uma conexão imediata entre a vontade de fazer um movimento e sua execução, para a criança, uma privação ou um desconforto tais como fome ou frio vinculam-se imediatamente à sua satisfação ou alívio por parte da mãe. Essa unidade, da qual depende a existência da criança, consiste numa identidade biopsíquica entre corpo e mundo, na qual criança e mãe, corpo faminto e seios que aplacam a fome, tudo é uma única e mesma coisa. (ibidem, pg.12)

A criança, portanto, vive uma unidade biopsíquica com a mãe, porém, conforme a consciência de ego vai, aos poucos, surgindo desta realidade, o bebê começa a perceber a mãe como algo oposto a si, assim como o ego, o Self. Parcialmente, seu Self ainda se identifica com o materno, porém a percepção corpórea que o ego confere à criança está contida em um Self corporal já discriminado:

Por um lado, existe o Self Corporal da criança, determinado pela espécie e emergente simultaneamente com a totalidade corporal individual; por outro lado, a mãe, na relação primal, não apenas desempenha o papel de Self da criança, mas é na realidade esse Self. (Neumann, 1995 pg. 13).

Sendo a mãe ainda continente de parte do Self da criança, ela representa não apenas o oposto da criança concretamente, como o Outro, o tu, mas também o oposto do ego, o Self. Portanto, acreditamos que experimentar a continência e o amor da mãe, nessa primeira etapa, garante a possibilidade de reviver sempre essa tonalidade afetiva com outras pessoas significativas e um relacionamento forte entre ego – Self, pois o que caracteriza essa vivência com a mãe é Eros, deus mitológico do amor e da união.

Conforme a criança avança em seu crescimento, o Self encarnado na mãe através da relação primal vai, gradualmente, retornando para o seu interior, e no fim da fase embrionária pós-uterina, ou seja, no final do primeiro ano de vida, seu ego passa a ser mais independente e integral.

Podemos concluir que o estabelecimento de uma relação primal favorável é característica fundamental para o desenvolvimento saudável do ego e principalmente da relação deste com o Self. Assim, a criança poderá se abrir para o mundo e para os relacionamentos com confiança e segurança internalizados.

Aspectos da relação materna

A mãe é a portadora da esperança de sobrevivência da criança no mundo, não apenas por ela fornecer estrutura biológica para o embrião crescer e tornar-se um bebê, mas também por poder propiciar condições ambientais e psíquicas, após o nascimento, para que todas as suas potencialidades possam se desenvolver.

Sabemos que muitas mães apenas gestam seus filhos, mas não os criam. Por isso, quando nos referimos à “mãe”, não estamos falando só da pessoa que gestou a criança, mas daquela que propiciou todas as condições necessárias para o desenvolvimento desta; é a mãe nutridora, protetora e afetiva.

Neumann (1995) cita que *“não é o indivíduo enquanto pessoa e sim o maternal em termos genéricos que se constitui no fundamento indispensável da vida da criança”* (pg.19). Isto quer dizer que, na relação primal, a mãe não só se apresenta como o ser humano responsável pela sobrevivência da criança, mas também aquela que a introduz ao dinamismo matriarcal regido pelo arquétipo materno. As principais características deste dinamismo, segundo Byington (1987), é a *“evidência de sua*

sensualidade, sua fertilidade, sua proximidade afetivo-corporal e seu domínio do princípio do prazer”. (pg. 47)

Jung (2008) nos fala que os efeitos traumáticos da mãe, isto é, da relação mãe e filho, devem ser divididos entre: características, qualidades e atitudes da mãe pessoal e as *“projeções de tipo fantasioso (quer dizer, arquetípico) por parte da criança”*. (pg. 93)

As projeções consteladas através do arquétipo materno podem apresentar tanto características positivas como negativas. Na primeira fase do desenvolvimento do bebê, ainda no estágio em que seu ego não se diferenciou de Self e necessita dele para sobreviver, a mãe é vista, em seus aspectos positivos, como a Grande Mãe boa, arquétipo do modelo feminino que tudo abarca e que carrega características como: proteção, nutrição, contenção e prazer. Quando a relação primal constela o lado negativo do arquétipo, a mãe ganha contornos terríveis e ameaça a independência, a segurança, a integração e a afetividade da criança, inundando o núcleo do seu ego de sentimentos de abandono e desespero. Porém, como explica Neumann (1995):

Uma constelação negativa da relação primal ocorre não apenas quando a ligação emocional da mãe com o filho é insuficiente, mas sempre que este “perde” a mãe, a base de sua existência. Tal perda, usualmente se constela por inadequação psíquica da mãe ou pela eliminação física por morte, doença ou separação, mas pode não ter nada a ver com a mãe pessoal. (pg. 61)

No entanto, isto acontece, pois o arquétipo é constelado através da experiência humana, e uma ligação mal sucedida com a mãe pessoal desenvolve o ego da criança de maneira precária. Suas experiências com o tu e o Self (como consequência da experiência negativa com a mãe pessoal), registram feridas e marcas profundas, tornando o ego um ego ferido.

Este ego ferido tem como característica ser despertado cedo demais da proteção continente representada pelo simbolismo do Uroboros (como vimos acima), e sua independência prematura leva a criança a estados de ansiedade em decorrência da falta de proteção e fome. Segundo Neumann, *“ela é privada da experiência de segurança – fundamento de toda a fé e confiança”* (pg. 65).

Neumann explica que a principal consequência da relação primal negativa é o sentimento primário de culpa, pois a apercepção do arquétipo materno ainda não se faz acompanhada de uma consciência egóica, portanto, a criança não compreende, em nenhum nível da consciência, as deficiências da mãe pessoal, sentindo estas como falta de amor para consigo, não por responsabilidade do ser humano ou do mundo, mas por sua mesma. A criança passa então a se sentir um elemento mau, indigno de amor.

O resultado direto desta experiência é um desajuste na compreensão do mundo, do outro e do Self, pois é a mãe quem comporta todos esses elementos, e estes passam a ser sentidos também como inimigos e perigosos.

Na outra esfera da relação primal, a mãe pessoal que desenvolve as características positivas do arquétipo desperta, com seu amor e seus cuidados, sentimentos de confiança e segurança no bebê, pois conforme o Self da criança retorna para dentro de si, carrega estes sentimentos antes depositados externamente na mãe, possibilitando a aceitação e a sobrevivência nos momentos de desprazer e frustração quando esta não estiver presente.

A construção do relacionamento primal é a base para o que o autor chamou de confiança primária, pois segundo ele:

Uma relação primal normal, por uma confiança permanente no amor da mãe, pelo desenvolvimento de um ego integral positivo e de um eixo ego - Self estável conduz gradualmente a experiência antropocêntrica da criança a uma relativa consciência. (ibidem, pg. 51)

A experiência antropocêntrica (de se sentir o centro do universo) constela no homem dignidade e valor, pois o coloca como criação de algo Divino e de importância para o desenvolvimento da humanidade. Acreditamos que esta experiência também preencha a criança com amor, com um sentimento de pertencimento, de reconhecimento e de autoestima dentro da relação primal positiva, porém dentro da relação primal negativa a criança cresce sentindo-se inferior, abandonada e insegura.

Como primeira consequência desta experiência surge o automorfismo infantil, ou seja, a libido volta-se totalmente para si; posteriormente, existe a necessidade de

uma diminuição deste automorfismo para que sua libido possa ligar-se a outros objetos. Isso só poderá ocorrer com a dissolução da relação primal.

A Grande Mãe continente precisa libertar o filho, assim como o Self e o ego, para que ele possa construir novos relacionamentos, pois é a partir da outra polaridade da confiança básica ou primária, ou seja, a traição representada pela separação, que a criança terá condições de se abrir para outros relacionamentos. A mobilidade emocional garantida pela traição do berço seguro e protetor, através do distanciamento na relação simbiótica com a mãe, traz sofrimento, indignação e revolta por parte do filho porém, ela também traz criatividade, maturidade e adaptabilidade.

Se o desapego não puder se efetuar, por parte da mãe, ou do filho, este estará bloqueado em sua evolução psicológica, segundo Carotenuto (1997). Nesse momento o arquétipo paterno será de grande auxílio ao se interpor entre mãe e filho para a construção do indivíduo que está por vir.

Aspectos da relação paterna

Acreditamos que a função paterna e o auxílio deste no desenvolvimento biopsíquico da criança neste primeiro estágio da vida é menos complexa, mas não menos importante que a função materna.

Pouco antes da dissolução completa da relação primal, a mãe será o primeiro representante da cultura e do dinamismo patriarcal para a criança. É ela quem primeiramente insere a criança em uma rotina de horários, normas e leis. Posteriormente, outras figuras apossar-se-ão deste lugar, podendo ser ocupado pelo pai pessoal, pelo padrasto, pelo avô, pelo Estado, pela escola, entre outros.

O pai, ao se interpor na relação primal, tem a função de fortalecer o ego recém-nascido para que ele possa se impor na realidade concreta e mediar as exigências do mundo externo e interno. Para que isso seja possível, o ego necessita afastar-se do Self, do inconsciente e do corpo como expressão do mesmo para se diferenciar e adquirir autonomia.

O corpo, até então expressão direta do Self, começa a apreender a realidade através das zonas erógenas propostas por Freud divididas em: oral, anal e genital.

Neumann (1995) considera que essas zonas erógenas poderiam ser nomeadas como zonas gnoseógenas, *“uma vez que não só transmitem prazer como também conhecimento a respeito da realidade”*. (pg. 28), pois como explica Lima Filho (2002), o corpo é o primeiro dado de realidade percebido pela criança e indica o início da polarização característica do ego.

No dinamismo matriarcal, a natureza de Eros é quem fornece o pano de fundo da relação mãe e filho, pois é ela quem estabelece o amor e o relacionamento da relação primal. No dinamismo patriarcal, o Logos (conhecimento) é quem ditará o caráter deste relacionamento, e por esta razão, é através dele que a criança será apresentada à realidade do mundo de forma compreensível.

Segundo Byington (1987) *“a consciência arquipélago do dinamismo matriarcal se transforma em consciência continente do dinamismo patriarcal”* (pg. 61). No desenvolvimento da personalidade, como já dissemos, durante a relação primal consciência e ego emergem do estado inconsciente predominante por curtos períodos até que se estabilize na psique através da constelação do dinamismo patriarcal, e a polaridade consciente e inconsciente, antes praticamente indiscriminada, passa a ganhar maior distância.

O maior afastamento da polaridade consciente - inconsciente, que permite à consciência a abstração necessária para a elaboração patriarcal dos símbolos se dá através do arquétipo do pai, que delimita a discriminação, privilegiando sistematicamente um dos pólos das polaridades. (ibidem, pg. 63)

O arquétipo paterno, portanto, auxilia o ser humano a se desenvolver enquanto ser coletivo, impondo limites a partir de sua característica discriminativa e a elaboração e compreensão de códigos através da capacidade de abstração fornecida pelo afastamento das polaridades consciente – inconsciente. Porém, como todo arquétipo, ele trás em si aspectos negativos e positivos, e além de outros aspectos que ele constela como vida, luz, energia, crescimento, desenvolvimento e evolução, ele também pode ser castrador, impeditivo e boicotador da evolução.

Este duplo aspecto da imagem do pai é característico do arquétipo em geral; é capaz de efeitos diametralmente opostos e atua sobre a consciência mais ou menos como Deus se comporta com Jó, isto é, de modo ambivalente. (Jung, 2007 pg. 301)

Na história de Jó, Deus permitiu que Satanás testasse a fé de Jó levando desgraças à sua vida em todos os aspectos, tanto para seus bens como para sua saúde. Mesmo assim, Jó se manteve confiante em Deus e em sua redenção, sendo agraciado por todas as suas perdas em dobro².

O senso de confiança e de segurança adquirido a partir do dinamismo patriarcal possibilita sobrevivermos aos infortúnios do mundo com o que Hillman (1981) chamou de confiança primordial, ou como ele se refere também a este termo, fé animal, segundo Santayana:

Assim como Adão, com fé animal, confia em Deus, da mesma forma o menino no começo confia em seu pai. Em ambos, Deus e pai, encontra-se a imagem paternal: confiável, firme, estável (...). Essa imagem paterna pode ser expressa também pelo conceito de Logos, pelo poder imutável e pela sacralidade da palavra masculina. (pg. 80)

Essa confiança primordial, segundo o autor, não está baseada na carne, como na relação com a mãe, mas sim na palavra, no verbo, e o sentimento de ser compreendido, confirmado e reconhecido, remeterá sempre a este tipo de confiança.

Entendemos, portanto, que o pai, no desenvolvimento da personalidade, instaura para a criança a possibilidade de se relacionar e viver coletivamente através dos códigos e signos transmitidos pelo homem e pela cultura. Compreender e ser compreendido valoriza o homem, confere identidade e proporciona um sentimento de pertencimento em relação ao mundo.

Entretanto, assim como a traição vivida pela separação na relação materna, a traição da palavra necessita ser compreendida e superada pelo ser humano para que este possa prosseguir sua vida. O pai, nesta condição de interlocutor entre o mundo e a criança, tem o papel de transmitir os modelos culturais, porém precisa ser transparente e responsabilizar-se por suas ações e omissões, e assim não as projetará para a sombra do filho.

O pai também precisa deixar o filho trair-lo. Trair suas convenções, valores e morais, pois assim, o filho pode se descobrir e encontrar seu estilo próprio de ser no mundo, propiciando um caminho mais autêntico em busca da individuação.

² A história completa de Jó pode ser encontrada na Bíblia Sagrada no “Livro de Jó”.

Capítulo 3

A experiência da conjugalidade

Jung (2008) afirma que *“não existe nenhum relacionamento psíquico em que os dois seres humanos se encontrem em um estado de inconsciência”*. A consciência, nesse contexto, é premissa básica para a construção de um campo relacional. É ela quem discrimina, separa e distingue os elementos da realidade, tornando possível estabelecer essa dinâmica.

Como descrevemos nos capítulos anteriores, partimos no caminho da existência de um estado simbiótico, inconsciente e de indiscriminação com a Totalidade, com o Self e com a primeira representante deste dinamismo que é a mãe. Aos poucos, ego e consciência surgem deste estado nebuloso e, conforme a evolução humana, nos encaminha à vivência arquetípica do patriarcado, ganhamos, cada vez mais, individualidade corporal e psíquica e consciência do mundo que nos cerca. É a partir desse progresso que estamos aptos a encarar um relacionamento com outra pessoa.

Em cada etapa da vida, estabelecemos tipos diferentes de relação conforme nossa maturidade psíquica, biológica e social. A idade adulta, nesse aspecto, caracteriza-se pelo amadurecimento que nos confere condições para a conjugalidade, entretanto, Jung (2008) nos fala que o jovem preparado para tal envolvimento ainda tem conhecimento incompleto de suas motivações, pois pouco sabe sobre si, por estar muito próximo ao estado inicial de inconsciência na escala evolutiva da psique.

Sobre as motivações, segundo o autor, elas têm, em sua natureza, aspectos pessoais e transpessoais. Na esfera pessoal, a ligação afetiva com os pais pode influenciar tanto na escolha do parceiro quanto na vivência do relacionamento conjugal.

Ainda, segundo Jung (2008), a ligação inconsciente com os pais influencia a escolha do parceiro amoroso à medida em que os filhos herdam conteúdos inconscientes destes. Complexos, traumas, fantasias e desejos não realizados são transmitidos no

início da vida, onde a psique de ambos (pais e filhos) encontrava-se em participação mística, ou seja, compartilhando aspectos inconscientes.

Segundo Benedito (1997), “*certos conflitos conjugais têm suas raízes em situações psíquicas arcaicas que remetem o indivíduo ao período de dependência total vivido na sua primeira relação com a mãe*” (pg.29). Nesse sentido, o abalo sofrido na relação com o outro tem suas origens na relação primal descrita nos capítulos acima, e na construção do eixo ego – Self, por não ter se estabelecido uma relação primal positiva, ou porque esta não foi interrompida proporcionando abertura de novos elementos na relação entre mãe e filho.

O perigo dessas influências arcaicas nos relacionamentos não apenas está na forma em que foram constituídos, mas também em não tornarmos essas deficiências ou acertos conscientes, projetando no outro aquilo que faz parte de nós:

Acontece que o Outro mágico é sobrecarregado com todos os detritos de nossa história psíquica. Se há um inimigo que nos tem em suas mãos, esse inimigo é a força desta história, com sua capacidade de usurpar a consciência, deformar a perspectiva, contaminar a escolha e procurar sua própria reprodução. (Hollis, 2002, pg. 45).

Segundo Carotenuto (1997), nessa mesma perspectiva da ligação pessoal afetiva com os pais, o primeiro núcleo do ser humano, a família de origem, inconscientemente cria um campo seguro para os indivíduos que a constituem. Todo e qualquer elemento fora deste é sentido como uma ameaça à sua estrutura e à sua dinâmica.

A abertura para novos relacionamentos possibilita a sobrevivência individual de cada integrante da família, pois propicia novas possibilidades dentro da dimensão afetiva e psicológica, no entanto, quando isto não acontece por haver algum tipo de pacto inconsciente entre os membros que os empecem de constituir novas relações, o mundo e os outros são sentidos como perigosos e ameaçadores.

Outro fenômeno importante também pode acontecer dentro desta dinâmica. Este seria quando o indivíduo, ao tentar encontrar seu parceiro amoroso, tenta desesperadamente reconstituir no parceiro o referente parental faltante, porém, como fala Carotenuto (ibidem), corre-se o risco de justamente escolher o parceiro

menos apto para tal função, pois normalmente estamos o escolhendo através do prisma da projeção.

Ao se retirar esta projeção, o indivíduo revive novamente o sentimento de traição dos pais, pois se sente novamente traído pela falta imprevista, pelo vazio deixado anteriormente pelo familiar (pai e mãe), pois a ausência do outro nesse contexto mostra o quanto o indivíduo confiava a ele a confirmação de sua presença e sua importância no mundo.

Portanto, a capacidade de suportar a ausência do outro, de suportar a solidão sem sucumbir, demonstra o grau de autonomia e segurança interna que o indivíduo tem internamente, e assim, podemos pensar que ele está pronto para se relacionar de forma madura, independente e saudável.

Em relação ao relacionamento amoroso, temos internamente um referencial arquetípico sobre o tema do amor conjugal. A partir dele, buscamos consciente e inconscientemente o que achamos ser nosso ideal de relacionamento e escolhemos o parceiro que nos trará essa vivência da forma como a desejamos. Nessa perspectiva, o que encontramos são os motivos transpessoais dos relacionamentos.

Segundo Benedito (ibidem), as fantasias em torno de um parceiro idealizado são o reflexo do entrelaçamento de motivos arquetípicos e experiências pessoais que deram forma aos arquétipos da anima/animus.

Anima é o componente arquetípico encontrado na personalidade masculina e animus, por sua vez, é o arquétipo masculino encontrado na personalidade feminina. Ambos são estruturas de nossa psique que fundamentam a vivência de completude no encontro amoroso quando projetados, e de auto-realização, quando integrados em nossa psique.

A projeção do anima/animus no parceiro amoroso carrega em si aspectos individuais não integrados na personalidade e, através desse mecanismo, o inconsciente abre espaço para se manifestar, proporcionando-nos uma forma criativa de integrar esses conteúdos. Isso ocorre porque com o mecanismo da projeção é possível atualizá-los mediante novas experiências, dando outra roupagem aos complexos que formamos em relacionamentos antigos, utilizando o parceiro amoroso atual como referência.

Nos aspectos positivos do arquétipo de anima/animus, quando os dois parceiros projetam estas qualidades, um estado de plenitude e paixão é constelado, pois além das mútuas projeções, animus e anima estão atraídos entre si.

No entanto, no aspecto negativo, anima/animus projetados e indiscriminados no plano inconsciente, em casos extremos, levam os indivíduos a ficarem psicologicamente possuídos e em poder um do outro. Dessa forma, é delegada ao outro uma parte do si (mesmo), e quando há algum tipo de traição, pela inevitável retirada da projeção por um dos parceiros, esta é sentida de forma total e destruidora, pois o indivíduo traído é destituído de sua identidade confiada ao outro.

Porém, em outro pólo, a integração desses aspectos antes projetados de forma positiva pode levar os indivíduos a restaurarem um sentimento de importância pessoal auxiliando na reestruturação da conexão ego - Self.

Stanford (1987) nos fala que *“a projeção positiva diminui sua intensidade, enfraquecendo-se quando a familiaridade expõe o relacionamento a uma grande dose de realidade”*. Dessa forma, rapidamente a projeção negativa pode substituir a positiva.

Nesse período, a função criativa da projeção, que é a de possibilitar uma aproximação de conteúdos inconscientes à consciência através da figura do outro, se encerra, e o amor real pode surgir conforme fomos constituídos psiquicamente para sobreviver às frustrações que a vida real nos proporciona.

Caso isso não ocorra, o parceiro enxergará o outro como dotado de qualidades humanas não correspondentes à aura numinosa do arquétipo, e o preço da realidade pode ser alto demais para o relacionamento.

Segundo Jung (2008), *“se este conseguir manter-se sem sucumbir, justamente através desse conflito acabará por encontrar a si mesmo”* (pg.205), e assim, parte da jornada existencial se cumpre, fato pelo qual encontramos nossa própria unidade.

Capítulo 4

Objetivo

O objetivo deste trabalho é o de compreender como o sentimento de confiança nas relações parentais influencia nos relacionamentos amorosos na vida adulta.

Método

A leitura psicológica da questão proposta tem, como fundamento teórico, a psicologia analítica, e como metodologia adequada, a pesquisa qualitativa, pois ela possibilita ao pesquisador considerar os fenômenos estudados dentro da totalidade que o cerca:

Os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que considere os componentes de uma situação em sua interação e influências recíprocas, o que exclui a possibilidade de identificarmos, apenas, relações lineares de causa e efeito fazendo generalizações estatísticas. A qualidade da análise fica sendo mais fundamental do que o aspecto quantitativo. (Pereira, 1998 pg. 129).

Nessa metodologia, o que se busca é observar as conexões e as aproximações existentes dentro do sistema vivo do fenômeno, partindo do pressuposto que considera todas as suas dimensões, não apenas para entendê-lo em sua finalidade, mas no contexto em que aparece.

Pereira (1998) adverte que *“enquanto pesquisadores somos participantes, isto é fazemos parte da realidade a ser observada”* (pg. 129). Por isso, precisamos considerar o campo relacional e simbólico que se configura entre pesquisador e objeto, pois ambos interferem mutuamente na realidade observada.

Sujeito e objeto, nessa perspectiva, não são mais separados na construção de conhecimento que se dará através de suas interrelações e do contexto presente.

Penna (2004) propõe que a relação do pesquisador perante o fenômeno propicie que este se posicione de forma crítica e dialética, negando cristalizar-se dentro de uma conduta fragmentada e unilateral.

A pesquisa qualitativa, portanto, oferece a oportunidade de entender as questões levantadas a partir de uma perspectiva de Self em que objetividade e subjetividade, consciente e inconsciente são considerados em sua relação, sendo a *“intersubjetividade a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento”*. (Penna, pg. 80)

O símbolo é o elemento emergente na pesquisa qualitativa apoiada na perspectiva da psicologia analítica, pois segundo Penna, *“o processo simbólico visa elucidar, enriquecer, ampliar e aprofundar os significados ocultos dos símbolos a fim de atingir sua integração na consciência”*. (Penna, pg. 91)

A linguagem da psique, por excelência, é o símbolo e é através dele que se faz possível acessar o inconsciente, e o desconhecido pode se tornar conhecido transformando o indivíduo e o coletivo.

Instrumento

Adotamos para a realização da pesquisa a entrevista semidirigida. Escolhemos esta por oferecer um caminho a ser seguido sem restringir a livre expressão dos sujeitos.

Procedimento de coleta de dados

Realizamos as entrevistas em dias e horários distintos, previamente agendados através de contato telefônico. Estas foram gravadas com o consentimento das participantes que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (anexos pg. 54). Foi informado, também, sobre o nosso compromisso em esclarecer questões futuras caso as entrevistadas necessitassem.

Participantes

Como critério para a participação desta pesquisa, escolhemos mulheres na faixa etária dos 35 aos 45 anos que estivessem se relacionando amorosamente, portanto, nossas participantes enquadravam-se nesta faixa etária e todas estavam em relacionamentos amorosos há pelo menos seis meses. Duas já haviam sido casadas anteriormente e apenas uma tinha filhos.

As três entrevistadas conviveram durante a infância com os pais, sendo que, atualmente, apenas uma tem o pai falecido. A seguir faremos uma descrição do perfil de cada uma e para preservar suas identidades, usaremos nomes fictícios:

Deméter: Tem 35 anos, nasceu no Peru e é filha de pai inglês e mãe peruana. Seus pais se separaram quando ainda era adolescente, e seu primeiro casamento foi aos 24 anos, com um brasileiro, com quem tem 3 filhos, motivo pelo qual reside no Brasil. Separou-se há 3 anos e, atualmente, está namorando há 7 meses. Trabalha como produtora executiva de filmes e fotos publicitárias, mas é formada em antropologia e designer de interiores.

A entrevista foi realizada em consultório e durou cerca de 1h30. Ela foi muito receptiva e demonstrou grande capacidade de elaboração e conscientização de suas vivências. Verbalizou, durante a entrevista, ser muito maternal em seus relacionamentos amorosos e com seu irmão mais novo, além de ser mãe de 3 crianças. Por esse motivo, escolhemos a deusa da mitologia Deméter para representá-la, pois é descrita como a mulher-mãe que protege, alimenta e acolhe.

Artêmis: Nascida na cidade de Blumenau, Santa Catarina, mas reside em São Paulo há 17 anos. Namora há três anos e meio e nunca foi casada. Tem 44 anos e é médica com especialidade em neurologia infantil. A entrevista foi realizada na casa dela, pois ela estava com poucos horários disponíveis devido à viagem que faria à Blumenau. Nesta viagem, visitaria seu pai que está gravemente doente e procuraria emprego, pois seu objetivo é morar novamente lá, em busca de qualidade de vida.

Esta foi a entrevista que teve o menor tempo; em torno de 40 minutos. Artêmis mostrou ser uma pessoa muito tranquila, um pouco tímida, mas muito determinada. Além de ser médica, é maratonista e estuda música. Por todas essas características escolhemos a deusa Artêmis, pois simboliza a mulher atlética, que aprecia a vida ao ar livre e a natureza. Com os homens tende a ser fraternal, assim como a entrevistada relatou ser a principal característica de seu relacionamento amoroso.

Hera: Paulistana, nascida e criada. Tem 41 anos e, atualmente, está em um relacionamento há 7 meses. Já foi casada legalmente uma vez e morou durante cinco anos e meio com outro companheiro. É advogada e exerce a profissão. Desde o primeiro contato, que foi para o agendamento da entrevista, ela demonstrou ser

|

muito simpática e falante, e sua entrevista durou 1h40. Mostrou resistência em realizar a pesquisa em consultório, e por esta razão, fizemos a entrevista na casa dela. Percebemos ser uma mulher muito independente, objetiva e prática. Disse-nos estar em um momento de vida que deseja muito ser cuidada por alguém, e por esta razão, vive um grande conflito, pois seu atual namorado ainda não demonstrou interesse em casar.

Hera é a deusa que representa a mulher ligada ao poder, apegada às tradições, que tem um enorme desejo de ser esposa e não abre mão do casamento tradicional. Portanto, para nós, essas características enquadram-se à esta terceira entrevistada.

Procedimento de análise dos dados

Realizamos a análise em dois momentos distintos. Primeiro, fizemos a leitura das entrevistas, assinalamos os pontos mais relevantes, levantamos os temas de maior relevância para o trabalho e organizamos o material individualmente e de forma descritiva. Em seguida, preparamos uma análise de forma conjunta, com todas as entrevistas, para compreendermos o material em suas convergências e discrepâncias.

O três temas encontrados nas entrevistas foram:

A confiança no parceiro amoroso: como se estabeleceu a relação amorosa atual; principais características e conflitos; se existe ou não confiança no parceiro amoroso.

A vivência da confiança na infância: a relação familiar na infância; momentos e lembranças que exemplificam e demonstram o sentimento de confiança.

O relacionamento com os pais: a relação propriamente dita, em seus aspectos positivos e negativos; como foram as vivências e os aprendizados passados

Capítulo 5

Resultados:

Entrevistada: Deméter

Confiança no parceiro amoroso

Deméter coloca ter aprendido, em sua criação, a não ser uma pessoa desconfiada. No entanto, experiências de relacionamentos anteriores interferiram em sua confiança em relação ao seu atual relacionamento:

“Acho que a respeito à confiança assim, nos termos assim, quando ele não tá comigo, que eu me sinto, é uma coisa que hoje cada vez, não que eu desconfio de tudo, mas por outras coisas que eu já vivi, então, assim, como que eu analiso muito mais certas situações que antigamente eu deixava passar [...]. (sic)

Para ela, não ter dado atenção suficiente a certas situações em seus relacionamentos anteriores fez com que ela passasse por momentos ruins, por isso justifica sua desconfiança como forma de proteger-se:

Então, isso não é, eu diria, por causa do comportamento da pessoa atual, mas simplesmente depois de várias situações que eu já vivi então você fica mais alerta com certas coisas para se proteger de certa forma, para não passar de novo por momentos ruins. (sic)

Ela relata ser muito impulsiva em seus relacionamentos, não conhecendo bem, a princípio, o seu parceiro amoroso. Nesse sentido, ela demonstra construir seu atual relacionamento com cautela, por meio da convivência e do diálogo:

Dentro de tudo, acho que minha relação tá bem firme e é uma relação que a gente tá construindo aos poucos e a gente tá se conhecendo cada vez mais [...]. Então hoje posso dizer assim que é uma pessoa que eu já conheço mais, que eu já sei, acho que dentro de tudo, eu to com uma pessoa que eu já sei que, na maioria dos casos, conversa sobre certos temas que antes talvez eu não teria enfrentado. (sic)

A entrevistada considera a infidelidade como o motivo principal para a perda de sua confiança nos relacionamentos amorosos e relaciona dois acontecimentos vividos, um na relação com seu pai e outro com seu ex-marido para este fato:

[...] meu pai era uma pessoa que eu tinha uma relação muito próxima e uma pessoa que eu confiava muito e aí com o tempo, e eu amadurecendo, eu fui olhando de outra forma e no final, antes dele falecer eu fui descobrindo certas coisas que eu já não sabia, e até

depois, logo que ele faleceu, até os próprios amigos dele comentaram, que, por exemplo, que ele não foi um marido fiel, que não foi um bom parceiro para a minha mãe [...]. E aí, adiante, eu fui casada vários anos, quase 7 anos e também foi uma relação que depois eu descobri que meu ex-marido também tinha essa tendência a me trair quando eu não estava. (sic)

Essas situações fizeram Deméter perceber certos aspectos idealizados e não conscientes sobre si e sobre os outros, fazendo-a questionar certos valores:

Não é que o amor que a pessoa tem por você seja diferente e tal, mas que daí certos elementos que você não consciente de que existia, então de repente quando você sabe você fala: Bom, poxa, então toda essa fachada linda e maravilhosa na verdade por trás tinha várias coisas escondidas [...]. E aí o que acontece é que você começa a ver suas relações de outra forma, como a questionar o que é realmente uma relação pura [...]. (sic)

Entretanto, Deméter finaliza dizendo que gosta e necessita relacionar-se amorosamente. Disse que sente falta de uma presença masculina em sua vida e relacionar-se com o outro lhe oferece a oportunidade de dar algo de si e receber em troca. Percebe também a necessidade de proximidade com o outro como uma tendência maternal sua:

Eu acho que no fundo eu gosto da presença masculina. E eu gosto da troca que acontece. Eu gosto de dar e receber, isso é uma coisa que acontece, eu acho que eu tenho um elemento de certa forma conservador, porque eu gosto de cuidar da pessoa que tá comigo, de dar muito de mim, de mimar, mas assim, desde a infância, porque eu fazia isso com o meu irmão e a minha mãe ficava brava comigo, a mãe sou eu não é você. Acho que é um instinto maternal que eu sempre tive. (sic)

A vivência da confiança na infância

A entrevistada conta que sua infância foi tranquila e a relação com seus pais e seu irmão eram boas. Conta que morou em vários países por conta da profissão de seu pai e, por esta razão, sente que a única coisa que lhe trazia segurança era a sua família:

[...] eu sempre vivi uma vida de pular de um lado pro outro, a única coisa fixa e firme era a minha família. (sic)

Deméter fala que se casou cedo, pois aos 15 anos seus pais se divorciaram e por isso sentia a necessidade deste vínculo familiar como forma de estabilidade e pertencimento:

[...] e isso pode até ser analisado, porque eu casei muito nova... .Eu sei que tem muito a ver. Com 15 anos, morando em um país novo, meus pais se divorciando, a única coisa que eu tinha era eles, em um país que você sente que não é o teu, e aí entra o meu desespero e com 18 anos eu já foquei em um cara que eu me apaixonei e foi isso. Eu queria ter uma família, queria ter uma família. (sic)

Fala que seus anos mais difíceis foram na adolescência, e que foi um período em que estava muito vulnerável emocionalmente. No entanto, atualmente reconhece ao falar sobre o período da sua infância com seu irmão que ambos tiveram sorte por terem uma estabilidade emocional na infância, pois considera como um período importante para a estruturação da confiança que tem em si:

Então assim, eu e meu irmão a gente conversa sobre isso, por sorte a gente teve tudo aquilo, porque hoje de certa forma, a gente tem certa estabilidade emocional porque a gente teve, realmente foram anos muito importantes na nossa vida. É e eu acho que isso faz com que você sinta mais confiança em você. (sic)

O relacionamento com os pais

Deméter conta que teve um bom relacionamento com seu pai. Disse que ele era sua coluna emocional e quem a sustentava neste sentido:

[...] se eu precisava de alguém ali, pra conversar, simplesmente ter uma presença, meu pai estava. (sic)

No entanto, na sua adolescência, houve uma ruptura entre seu pai e sua mãe, o que fez vir à tona coisas que mexeram de forma intensa na relação que tinha com ambos. No período em que seus pais estavam se separando, o pai de Deméter disse que sua mãe estava tendo um caso extraconjugal. Esta informação interferiu na relação de Deméter e sua mãe, fazendo com que elas se afastassem. Entretanto, quando seu pai faleceu e Deméter descobriu que seu pai também havia traído sua mãe, e que esta nunca havia tido nenhuma relação extraconjugal, Deméter ficou decepcionada e frustrada:

Então assim, foi uma sensação, uma decepção com ele, uma frustração porque eu não tive tempo de encarar isso com ele e foi uma coisa que depois eu tive que ir lidando, que era lidar com a morte dele e lidar com essas coisas escondidas. (sic)

Deméter não teve tempo de resolver a situação com seu pai, no entanto disse que estas revelações fizeram-na compreender melhor a sua mãe como esposa e mulher,

pois relata que ela era uma pessoa muito complexa e que a relação entre elas sempre foi difícil:

[...] acho que uma das coisas boas que saiu de tudo aquilo é que a partir desse momento minha mãe finalmente, nessas épocas, se abriu e começou a falar varias coisas sobre o relacionamento com o meu pai e eu comecei a entender muito mais ela como mulher e perceber que, poxa, não foi nada fácil estar com meu pai e ter que lidar com ele. (sic)

Esta situação fez com que a entrevistada também reconhecesse seu pai em certos aspectos, assim como disse reconhecer e entender sua mãe como mulher:

[...] como homem e perceber e que ninguém é imortal e que no final, às vezes a gente tem uma imagem da pessoa e que no fim as pessoas mais próximas são capazes de te ferir de te magoar. (sic)

Entrevistada: Artêmis

A confiança no parceiro amoroso

Artêmis relata que a confiança no seu parceiro amoroso atual é demonstrada por ambos de forma espontânea, no dia a dia e pelas atitudes. Disse que o relacionamento foi construído com base em uma amizade e a aproximação entre eles aconteceu por terem interesses em comum:

[...] o relacionamento foi construído em cima de uma amizade que nasceu, vários ensaios, que ele toca e eu toco, e a gente foi tendo que passar trechos juntos, e aos poucos foi de fato configurando um afeto, um algo a mais [...] (sic)

Conta ainda que se identifica com algumas atitudes de seu parceiro, o que atribui ao mesmo tipo de educação:

[...] coincidentemente, tem algumas coisas na educação do meu namorado que às vezes a gente se pega fazendo coisas parecidas e atitudes semelhantes em relação a situações da vida [...]. (sic)

Por ela ser uma pessoa segura, devido a sua formação como indivíduo, não a coloca em relacionamentos que a deixariam com ciúmes, mostrando ser bem consciente de seus limites e do que deseja para si:

[...] vai construir de fato um relacionamento com base no que tu tens pra oferecer, vai procurar alguém que tenha bastante eco, afinidade com que tu sente [...] (sic)

A vivência da confiança na infância

A entrevistada conta que foi criada a seis mãos: por seu pai, sua mãe e sua avó. Disse que sua família é de origem alemã, com valores morais muito rígidos como: autenticidade, verdade e ética. Ela considera que esses valores constituíram sua personalidade e seu sentimento de confiança em relação a si e a sua família.

Artêmis relata que, em sua família, todas as situações eram sempre planejadas e conversadas entre os pais, e que todos tinham suas responsabilidades e papéis bem definidos:

Não tinha folga não, varria a casa, limpava; cuida do teu quarto, do teu material, da tua roupa, a gente tá aqui, mas, se vira. (sic)

Disse que no dia a dia quem organizava sua rotina era sua avó, sendo considerada como uma segunda mãe. Conta que esta era uma pessoa muito rígida, restringindo sua liberdade até o fim de sua adolescência:

[...] eu acho que fui viver mesmo minha adolescência na faculdade, porque aí eu sai de casa, e aí fui explorar e experimentar um pouco essa liberdade, em casa tudo era mais rígido [...]. (sic)

Entretanto, para Artêmis, a educação que recebeu, a forma como foi criada e a transparência de suas relações familiares a auxiliaram a ter uma referência de confiança, tanto internamente como externamente

O relacionamento com os pais

A entrevistada conta que seu relacionamento com a mãe é tranquilo. Fala que os cuidados e a atenção que recebeu na infância, como por exemplo, ter sido alfabetizada cedo, ou pela emoção que a mãe sentia ao presentear a filha, aconteceram por ser a primeira filha e por sua mãe ser muito caprichosa e querer fazer tudo certo. Ela afirma nunca ter dado problemas para a mãe, pois foi uma boa menina, boa aluna e não a desobedecia. Relata que sua única dificuldade no relacionamento era que, ao se sentir contrariada, ficava emburrada. Acredita que este comportamento não correspondia ao fato de ser mimada, porém elabora essa vivência ao observar o comportamento de outras crianças atualmente:

Ah sei lá, levava uma bronca, ou queria fazer alguma coisa e ficava com bico, ficava um dia sem falar com a mãe, dois dias, andava com a perna pesada, batia porta, coisa de criança manhosa, mimada,

apesar de que eu acho que eu não era mimada, mas hoje eu vejo a molecada e penso: poxa pode ser alguma coisa assim. (sic)

Em relação à confiança, Artêmis relata ter o mesmo tipo de confiança em sua mãe e seu pai, no entanto, sente-se com mais abertura para conversar com a mãe:

[...] a confiança é a mesma, não é questão de proximidade, talvez seja, com a mãe a coisa rola mais fácil, só de olhar, empatia, já tá mais sintonizado. (sic)

Conta que ainda conversa muito com sua mãe e ouve suas opiniões, mesmo que escolha não segui-las:

Sempre escuto, posso até não fazer o que ela diz, mas ouço a opinião dela e a gente conversa... (sic)

Sente que a confiança em sua mãe, assim como em seu pai, é reforçada em momentos importantes de sua vida, em que a presença deles a preenchem de maior segurança interna:

[...] defesa de mestrado que minha mãe tava lá, maratonas que eu terminei de correr e que meus pais estavam lá batendo fotos e vendo eu chegar. [...] Eu acho que reforça, tem lá alguém que tá acreditando. [...] Então sei lá, tem algumas coisas da convivência ser tão viva e ligada que ela reflete mesmo no final. (sic)

Artêmis fala que o seu relacionamento com ambos os pais era mais aos finais de semana e à noite, durante a semana, pois trabalhavam o dia todo. Disse que foi cuidada no dia a dia por sua avó. Por esta razão e por achar seu pai uma pessoa mais introvertida aparenta ter tido uma convivência mais limitada com este:

[...] meu pai é mais assim, não ausente, mas mais na dele, calado. [...] meu pai é mais quietão, fica na dele, ele gosta de mexer na terra, ele fica mais por aí... (sic)

Percebe que a dinâmica familiar sempre foi regida pelas mulheres, considerando-a como matriarcal, no entanto o pai emitia sua opinião de forma organizadora:

[...] na hora de vir e colocar alguma coisa ele põe, a palavra final não era muito dele, era mais da mãe e da avó, era mais matriarcado, mas também sempre foi sossegado, de confiança, ele dava uns toques, fazia pensar: acho que é assim, acho que é assado... (sic)

Artêmis não considera ser menos próxima do seu pai, no entanto entende que este é menos comunicativo que sua mãe. Ela afirma que neste momento da vida, devido a uma enfermidade, está fornecendo colo ao seu pai, embora sua fala sugira que ela sempre esteve mais disponível ao acolhimento dele que ao contrário:

[...] meu pai não é muito de conversar, mas acho até que nessa parte da vida, eu que acabo dando colo pra ele do que... (sic)

Entrevistada: Hera

A confiança no parceiro amoroso

Hera afirma não ser uma pessoa desconfiada, no entanto, seu namorado atual tem uma vida social muito intensa, o que a faz ser reticente ao dizer sobre a confiança que tem em seu parceiro:

[...] ele tem muitos amigos, aí eu sempre fiquei meio..., mas assim, nunca peguei nada, mas a gente sempre tem... Mas assim, acho que é normal de qualquer ser humano, mas não sou desconfiada. (sic)

A entrevistada conta que sua vida é muito diferente. Ela disse ser uma pessoa fechada e caseira, e sua rotina diária é ir ao trabalho e à academia. Entretanto, Hera conta que seu namorado saiu de casa para morar sozinho aos 15 anos e, desde então, mantém uma rotina de muitos compromissos e amigos. Justifica que ele acredita não precisar dar satisfação de sua vida e, para ela, adaptar-se a isto exige certo trabalho:

É difícil. Eu tenho trabalhado muito nesse sentido, porque todos os meus outros namorados, nos outros relacionamentos eu sempre sabia: ó eu vou sair daqui e vou ali...; eu acho que é o normal, eu falo pra ele, é um relacionamento de casal, por isso que são duas pessoas, é um casal, se troca informações, não é que está dando satisfação, mas ó, eu vou estar em tal lugar, mas ele é muito fechado, egoísta e individualista, e eu tenho trabalhado isso, sofro um pouco, mas tenho trabalhado. (sic)

Ela relata um acontecimento no qual questionou seu parceiro sobre as pessoas com quem sairia para jantar, o que causou um mal-estar entre os dois, pois ficaram sem se falar durante três dias. Exemplificou com este fato o “trabalho” que tem para se segurar em relação à falta de satisfação que recebe do parceiro, dizendo que passou estes dias se controlando e desabafando com sua mãe. Entretanto, afirma não ter ficado desconfiada em relação à traição com esta situação, mas chateada aparentemente pela falta de diálogo:

Então, não fiquei desconfiada dele estar fazendo alguma coisa, mas sim fiquei chateada dele não me ligar, aí no terceiro dia, quem foi atrás? (sic)

Em relação à confiança nos sentimentos que o parceiro mantém por ela, Hera afirma ser totalmente confiante. Conta que seu parceiro fala que se apaixonou desde a “primeira vista”:

Confio plenamente, sinto que gosta. Desde o dia que ele me conheceu ele sempre foi muito apaixonado, a mulher da vida dele, assim, e sempre deixou isso muito aberto. (sic)

A entrevistada disse não desconfiar dos sentimentos de seu namorado porém, o maior conflito vivido atualmente por Hera diz respeito à expectativa de oficializar sua relação, pois relata que seu parceiro disse querer que ela seja sua esposa e mãe de seus filhos, mas ele está adiando este fato:

[...] desse lado eu não desconfio, não deixo de acreditar que ele realmente goste, mas,... Ele sempre falou: você vai casar comigo, você vai ser a mãe dos meus filhos, não sei o que,... E em seis meses você vai estar morando comigo. Quer dizer, já tá passando um ano, e de vez em quando eu falo: e aí? Vamos casar que aconteceu? E agora ele fala: não, vamos dar uma segurada. (sic)

Portanto, para Hera, a oficialização da palavra dada pelo namorado é, atualmente, seu maior conflito. Em seu discurso, nota-se uma oscilação entre tentar compreender os motivos para o adiamento do casamento e a exigência por ainda não ter seu desejo realizado:

[...] e eu acho que ele tem muito medo de assumir um relacionamento, porque é filho de pais separados quando ele tinha 3 anos, ele é advogado, só faz essa área de separação, e vê toda semana, todo dia um casal se separando, então ele tem um pé atrás.

Então às vezes me dá essa certa desconfiança, não é nem desconfiança, mas falava tanto e agora não fala mais, então é um negocio que sempre me pega [...] (sic)

Oficializando a união percebemos que Hera se sentirá socialmente segura na relação como cônjuge, no entanto, seu namorado entende esse pedido como uma forma de cobrança:

Primeiro ele fala que eu tô cobrando, e eu falo que não é cobrança, e sim que a gente precisa saber...

[...] Eu falei, se for morar com você eu vou ser sempre uma agregada, eu falo pra ele, vou te dar o exemplo do clube, eu nunca vou poder entrar no clube porque eu vou ser a agregada [...] (sic)

A entrevistada também pensa que se houver um contrato social sobre a sua relação se sentirá mais valorizada caso o relacionamento não prossiga:

[...] eu queria que desse certo, a gente sempre vai com o pensamento que vai dar certo as coisas, não que se não der certo pega a sua bolsinha e vai embora, não é assim, eu não sou mercadoria, é esse o conflito. (sic)

A vivência da confiança na infância

Hera relata que a confiança entre seus pais e seus irmãos sempre foi recíproca. Disse que os pais sempre a acolheram em momentos de dificuldade e que confiavam em relação às drogas e às bebidas, pois a relação entre eles era muito aberta. Fala também que seus pais foram muito presentes em sua vida e que a família sempre foi muito unida:

Com a minha mãe e com o meu pai sempre tudo sempre foi muito aberto, se eu tivesse feito alguma coisa errada podia ir lá e pedir socorro, pedir água, me ajuda, sempre me ajudaram [...]

[...] em casa a gente sempre foi muito família, e sempre os três filhos sempre pediram arrego para o pai e para mãe quando precisaram e eles sempre tiveram super presentes. (sic)

Conta que aos 18 anos teve uma prova de confiança de seus pais que a marcou muito. Disse que ficou grávida, e pela pouca idade não queria ter o filho. Contou aos seus pais, que entenderam sua situação, e não a recriminaram pelo acontecido. Eles a acolheram e conversaram com os pais do namorado dela na época e mesmo não tendo condições financeiras para pagar o aborto, providenciaram de alguma forma o dinheiro. Para Hera esta foi a maior prova de confiança que recebeu e até hoje este fato reverbera em sua vida, confiando neles em todas as situações:

[...] meus pais foram super legais, tanto que meus irmãos não sabem, me deram o maior apoio, conversaram com os pais do outro menino, foi todo mundo lá, todo mundo me acolheu, tanto os pais dele quanto os meus pais, quer dizer, essa foi a maior confiança que eu tive nos meus pais, de tudo, assim, é um negocio que me marca muito é isso, sempre que eu fiz alguma coisa errada que aconteceu eu sempre tive o apoio incondicional dos meus pais, e tenho até hoje, qualquer coisa que eu possa pedir, pegou fogo na minha casa, vem pra cá, sempre, a qualquer minuto, essa é uma confiança que eu tenho [...] (sic)

A entrevistada considera que a estrutura fornecida pelos seus pais deu condições de ser quem ela é hoje em todos os campos de sua vida:

Eu acho que, a criação que meus pais me deram, né, o ensino que eles me deram no dia a dia, eu acho que é o que eu sou hoje, de caráter, de pessoa, de profissional, como amante, namorada, como

irmã, como amiga, assim, e quem eu sou. Hoje eu devo muito aos meus pais por tudo que eles me passaram da vida assim, do que eles me ensinaram... (sic)

O relacionamento com os pais

A entrevistada disse que é a filha do meio de três irmãos. Ela é a única mulher, sendo que a diferença de idade entre ela é de três anos para cada irmão. Disse que sua família é unida, que seus pais são estruturados tanto financeira como emocionalmente:

[...] então eu tenho uns pais super legais, bem estruturados emocionalmente, financeiramente, já tiveram os perrengues deles, mas assim, eu tenho uma família unida [...] (sic)

Hera conta que sua mãe cuidou pessoalmente dos três filhos e também era quem cuidava dos afazeres do lar. Seu pai foi o provedor da casa e sempre trabalhou fora. Considera que a estabilidade financeira que desfrutou na infância foi devido ao seu pai ser muito batalhador, e que nunca lhe faltou nada na infância em termos materiais. Emocionalmente também, sempre teve apoio de ambos os pais, sendo que com a mãe aparenta ter tido mais intimidade para confidenciar certos assuntos, e com pai sempre encontrou apoio incondicional para as decisões que tomava:

[...] minha mãe é super aberta, posso ligar pra ela e falar: mãe, dei hoje..., e não tem problema; o meu pai desde do meu primeiro casamento que eu falei: vou me separar. É isso que você quer? Eu só quero que você seja feliz e você sempre vai ter o meu apoio. (sic)

Entretanto, Hera afirma ser muito próxima de seu pai, muito mais do que seus irmãos homens. Conta que desde criança ajudava seu pai em trabalhos manuais, e que esta habilidade puxou dele:

[...] eu sou muito mais o meu pai do que os meus irmãos. (sic)

Disse que atualmente controla muito bem o seu dinheiro, pois aprendeu com seu pai, que foi bancário, a valorizá-lo. Disse ser uma pessoa de iniciativa e que isto deve ao seu pai. Em relação à sua mãe, a entrevistada disse ter aprendido sobre o lado mulher: os trabalhos domésticos, a cuidar de uma casa e a ter zelo por suas coisas:

E com a minha mãe todo esse lado de mulher, de cuidar da casa, de saber fazer uma faxina, de saber ensinar uma pessoa, de ter zelo

pelas coisas [...]. (sic)

Hera relata que sua única frustração em relação aos seus pais é por ainda não ter dado netos, e que sente vergonha por ainda não ter se estabelecido amorosamente. Imagina que seus pais a vêem como fracassada neste sentido, apesar de saberem de suas qualidades:

Acho que pensam, pensam mas não falam, por mais que vejam que eu tenho uma super qualidade, que eu sou guerreira, que eu sou uma boa dona de casa [...]

A minha frustração é essa, porque não dei certo, não dei netos pra eles, eu não sei, é um negocio que me incomoda. (sic)

Discussão

A partir dos dados coletados e da análise descritiva, faremos algumas considerações a cerca do material encontrado nas entrevistas. O primeiro tema analisado foi a confiança no parceiro amoroso. Deméter foi a única entrevistada que relacionou alguns acontecimentos anteriores de sua vida com a confiança que tem atualmente em seu parceiro amoroso. Para ela, ter vivido traições anteriores tornaram-na mais desconfiada e cautelosa em relação ao seu atual parceiro. Ela justifica seu sentimento de desconfiança como forma de proteção.

Considerando a idade da entrevistada, 35 anos, podemos inferir que quando Jung (2008) nos fala sobre a proximidade do jovem adulto ao estado inicial de inconsciência e que neste período de vida pouco ainda sabemos sobre as motivações inconscientes que nos levam à escolha do parceiro, acreditamos que, a principio, no seu primeiro casamento em que houve a traição, Deméter inconscientemente absorveu um padrão da relação conjugal de seus pais. Isto porque ela relata ter casado por volta dos 20 anos de idade. Nota-se a repetição em sua história da decepção com seu pai, por ter traído sua mãe e, em seguida, da decepção com seu ex-marido.

A partir desses acontecimentos, Deméter sente uma mudança em relação à confiança que deposita em seus parceiros amorosos. Fica mais cautelosa e menos impulsiva ao se relacionar amorosamente. Acreditamos que ela adota uma forma defensiva.

O complexo constelado em suas vivências aparenta exercer, em certo sentido, um aspecto positivo, pois através da projeção de sua desconfiança em seu parceiro amoroso, entende-se que esta não está relacionada ao comportamento de seu parceiro, mas sim em relação às suas vivências anteriores, o que demonstra uma conscientização, diminuindo as chances de o complexo atuar autonomamente em sua vida e abrindo chances de este modificar sua casca conforme for sua nova vivência de relacionamento.

Em sua entrevista, Deméter também nos fala de que gosta da presença masculina, o que indica a projeção de seu animus nas figuras masculinas de suas relações, assim como Artêmis que nos disse que procura sempre no parceiro amoroso alguém com quem tenha afinidade e que também tenha algo a oferecer a ela.

Nesse sentido, a confiança em seu parceiro amoroso corresponde a esta fala, pois segundo Artêmis, sua relação foi construída com base em uma amizade e nas afinidades. Entendemos que o aspecto estudado neste tema, a confiança no parceiro amoroso, está relacionado à identificação de seu animus com o parceiro, ou seja, a identificação do parceiro que ecoa sua própria confiança. Corrobora com esta ideia o fato de Artêmis dizer que não procura relações amorosas que a colocariam em situações nas quais sentiria ciúme, por exemplo.

Observamos também que Artêmis vive em seu relacionamento certa identificação inconsciente, quando disse que seu namorado, às vezes, age da mesma maneira que ela, o que justifica como sendo o mesmo tipo de educação que receberam.

Para Hera a confiança no parceiro amoroso está depositada na expectativa da oficialização de sua relação. Ela espera que seu parceiro cumpra a palavra dada no início do relacionamento em que, segundo ela, ele afirmou querê-la como sua esposa e mãe de seus filhos. Imaginamos que Hera, de alguma forma, revive algum aspecto infantil relacionado ao dinamismo patriarcal. Hera espera ser aceita e valorizada pelo masculino representado por seu parceiro. Necessita desta confirmação para sentir confiança em sua relação.

Sobre a vivência da confiança na infância, todas as entrevistadas demonstraram ter experiências importantes e estruturadoras. Consideramos nas entrevistas essas vivências até a adolescência, visto que a lembrança de fases muito arcaicas

demandaria outros encontros para que essas fases pudessem ser elaboradas e contadas pelas entrevistadas.

Deméter fala da vivência da confiança na infância como a própria vivência com seus pais, pois como a família morou em diversos lugares, a única coisa fixa em sua vida era o relacionamento com seus pais e seu irmão. Entretanto na adolescência, Deméter sofreu um grande abalo na relação familiar, quando seus pais se separaram. Relata que por este motivo, casou-se cedo, pois queria retomar a estrutura familiar perdida com a separação dos pais. Neste sentido, segundo Carotenuto (1997), os indivíduos tentam reconstruir no parceiro afetivo o representante familiar faltante, em busca da segurança anteriormente vivida no núcleo familiar e Deméter, em uma de suas falas, justifica seu casamento exatamente por este fato; retornar a sentir segurança familiar.

Artêmis fala que sua vivência de confiança na infância se deve aos valores que aprendeu, à transparência das relações familiares e à definição bem clara dos papéis de cada familiar.

Jung (2008) nos fala da plasticidade da psique infantil, principalmente por nascer sem um ego estruturado e vulnerável aos aspectos inconscientes dos pais. Por esta razão, a importância maior recai sobre as atitudes e os exemplos dos pais, muito mais do que as palavras. Acreditamos que na fala de Artêmis identificamos que sua família forneceu exemplos importantes para que o sentimento de confiança pudesse existir entre os membros. Ao falar de sua família, Artêmis enfatiza os valores e a educação que recebeu, o que mostra como isto estruturou sua personalidade de forma significativa.

Para Hera, o sentimento de confiança na família sempre foi recíproco. Porém, a maior prova de confiança que recebeu na infância/adolescência, foi ter recebido o apoio dos pais para realizar o aborto de uma gravidez não desejada. Entendemos que, neste momento, Hera sentiu o que abordamos no capítulo 2, sobre a confiança primordial, ou seja, aquela em que o ser humano se sente compreendido e reconhecido pelo que se é. Para ela, ter o apoio não apenas emocional e financeiro dos pais, mas também a compreensão que recebeu em optar em não ter um filho naquelas condições a nutriram de um sentimento de confiança que ela tem desde então por eles.

Sobre o relacionamento com os pais, Deméter e Hera afirmam ter uma relação mais próxima com o pai, e Ártemis, aparentemente, mais próxima com a mãe. Para Deméter, seu pai era sua “coluna emocional”. Esta relação para ela parece permear todas as suas relações com a figura masculina, como uma força que a sustenta na vida. Com sua mãe, Deméter disse ter uma relação muito complicada, pois sua mãe era uma mulher muito complexa. Parece que Deméter apresenta um complexo materno, ao que Jung (2008) descreve como hipertrofia do feminino, em que há uma intensificação dos instintos femininos, principalmente o materno.

Sobre as influências destas relações em seus relacionamentos amorosos, parece-nos que esta intensa necessidade da figura masculina, como um complemento necessário para sua personalidade juntamente com o seu complexo materno, a impulsionaram a ter relações amorosas muito cedo, o que não nos parece ser “a priori” a capacidade de confiar no outro. Entendemos que a palavra confiança, como definimos na introdução, como segurança íntima com que se procede, neste caso, foi o que faltou em Deméter na relação com os pais e que a levou a se relacionar. A busca pelo outro que a complementa, seja pela metade masculina que lhe falta ou pela exacerbação do instinto materno, que também demonstra ser uma necessidade inconsciente do outro, sugere exatamente para nós como uma falta de segurança íntima.

Artêmis fala que tinha uma boa relação com ambos os pais. Disse que quem organizava sua rotina diária era sua avó e que esta era muito rígida. Considera que em sua casa a voz do feminino, do matriarcal, sobrepujava o masculino, o patriarcal, porém, acreditamos que mesmo as mulheres sendo as portadoras da autoridade, a dinâmica seguia um ritmo patriarcal. Acreditamos nisto, pois Artêmis relata sobre a rigidez com que foi criada, tendo a moral e a ética como fundamentos importantes da convivência familiar. Neste sentido, Artêmis desenvolveu, aparentemente, uma grande segurança interna a partir da relação com sua avó. Porém, a relação de empatia emocional com que Artêmis relata viver com a mãe lhe preenche de confiança em momentos importantes da vida, como descrito em sua entrevista. Com seu pai, parece haver, para nós, uma lacuna na relação. Independente do estado de saúde em que ele se encontra, entendemos que sua figura foi ausente. Entretanto, a confiança básica parece ter sido bem estabelecida o que a aproxima de seus parceiros amorosos.

Assim como Deméter, Hera afirma ser mais próxima de seu pai, porém afirma que a relação com sua mãe também foi muito boa. Percebemos a grande identificação e a confiança que tem com seu pai, o que nos mostra, mais uma vez, a confiança primordial adquirida nesta relação. Entretanto, é justamente na expectativa do cumprimento da palavra dada por seu namorado em que reside seu atual conflito. Neste sentido, acreditamos que Hera tem uma confiança internalizada que a auxilia em se relacionar amorosamente porém, como fala Carotuneto (1997), a traição precisa ser vivida pelo filho na relação com o pai pois assim, ela não será desenvolvida como um aspecto sombrio da personalidade, como acreditamos estar acontecendo com Hera neste conflito.

Pudemos verificar, em nossas três entrevistadas, diversos aspectos da relação com a família e com os pais, que estão relacionados com a construção da confiança nos relacionamentos amorosos. Não podemos afirmar, e nem pretendíamos, em quais mulheres observamos a relação de causa e efeito entre a confiança nos pais e a interferência desta nos relacionamentos, pois acreditamos que o ser humano é multifacetado em sua personalidade, e dela podemos extrair diferentes aspectos em diferentes momentos da vida que nos auxiliam ou não. Contudo, podemos dizer que a confiança é um elemento existente em nossas três entrevistadas, e que cada uma, à sua maneira, revive este sentimento em suas relações, mesmo quando este é ausente ou atua em sua polaridade, a traição.

Considerações finais

A busca pela investigação de um tema para um pesquisador acontece pela inquietação, que não tem lugar definido na vida de cada um, mas invariavelmente se entrelaça pela experiência pessoal do pesquisador. A psicologia analítica, abordagem estudada por nós ao longo de dois anos e meio, nos chama particularmente a buscar em nosso íntimo o significado da questão a ser levantada, e não diferente de todos os outros colegas, foi ali onde buscamos o tema confiança.

A confiança, para nós, é condição fundamental de sobrevivência. Sem ela nossa raça não teria se desenvolvido, não andaria em grupos e não formaria a sociedade em que vivemos. Contudo, esse pensamento quase infantil do qual partimos, que a princípio precisamos ter uma confiança para nos relacionarmos se desconstruiu ao longo deste trabalho.

Muitas teorias da psicologia consideram que as relações parentais, principalmente com a mãe, é fator “quase” determinante para uma boa saúde psíquica. A psicologia analítica de certa forma também, mas nem sempre a saúde psíquica, a sobrevivência física e emocional estão vinculadas à necessidade de sempre ter se sentido e experimentado a confiança. É necessário viver o outro pólo, a traição. O mundo em que vivemos exige que tenhamos a possibilidade de sentir a traição para amadurecermos enquanto seres humanos e nos protegermos do que for preciso. É só através da traição que entendemos a confiança, assim como apenas através da morte entendemos o significado da vida.

Percebemos na vida dessas mulheres, por menos explícito que esteja nas entrevistas, arestas de uma confiança às vezes perdida, mas reconquistada no dia a dia. Esta é a possibilidade, percebida em nosso ponto de vista, que o Self nos oferece.

Ao nos darmos conta desta possibilidade, o sentimento de valor pelo que somos ressurge, e a possibilidade de viver um encontro genuíno com o outro pode acontecer. Este foi o ponto que encontramos de maior desafio para nós e para essas mulheres.

Acreditamos, portanto, que muito mais do que para o mundo acadêmico, este trabalho contribuiu para sermos pessoas melhores. Entretanto, consideramos importante a realização de novos trabalhos dentro da perspectiva da psicologia analítica sobre o desenvolvimento infantil e suas interferências na vida adulta, visto que tivemos grande dificuldade em achar trabalhos acadêmicos que abordassem este tema.

Também nos chamou a atenção, durante a realização deste trabalho, termos encontrado apenas dois grandes teóricos desenvolvimentistas dentro da abordagem da psicologia analítica. Estes foram Neumann e Fordham, sendo que este último, para nós, partilha muitas de suas idéias com a linha psicanalítica. Por esta razão, escolhemos nos basear na obra de Neumann, por acreditarmos que ele nos forneceu uma visão nova sobre o desenvolvimento infantil a partir da obra de Jung.

Referências

- Almeida, M. B. Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Benedito, V. D. Y. Amor conjugal e terapia de casal – uma abordagem arquetípica. São Paulo: Ed. Summus, 1997
- Byington, C. Desenvolvimento da Personalidade – símbolos e arquétipos. São Paulo: Ed. Ática, 1987
- Carotenuto, A. Amar e trair – quase uma apologia da traição. São Paulo: Ed. Paulus, 1997
- Cezar, L. C. Ausência paterna e conjugalidade – uma pesquisa qualitativa com mulheres adultas jovens. São Paulo, 2007. Monografia (Especialização em Abordagem Junguiana) – Cogeeae. PUC - SP
- Dicionário online Michaelis. Ed melhoramento, 2009. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>
- Edinger, F. E. Ciência da alma – Uma perspectiva junguiana. São Paulo: Ed. Paulus, 2004
- Esposito, B. P. Casamento: O desafio do encontro. São Paulo, 2006. Monografia (Especialização em Abordagem Junguiana) – Cogeeae. PUC - SP
- Hillman, J. Estudos de psicologia arquetípica. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1981
- Hollis, J. O projeto Éden. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.
- Instituto Arcana. O feminino e seus arquétipos. Disponível em: <http://www.rodademulheres.org.br/>
- Jung, C. G. Freud e a psicanálise. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. IV Ed. Petrópolis, Vozes, 2007

Jung, C. G. O eu e o inconsciente. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VII Ed. Petrópolis, Vozes, 2008

Jung, C. G. A natureza da psique. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VIII Ed. Petrópolis, Vozes, 1971

JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. IX Ed. Petrópolis, Vozes, 2008

Jung, C. G. O desenvolvimento da personalidade. Obras Completas de C.G. Jung, Vol. XVII Ed. Petrópolis, Vozes, 2008

Jung, C. G. Fundamentos de psicologia analítica. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. XVIII Ed. Petrópolis, Vozes, 2007

Filho, A. P. L. O Pai e a Psique. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

Neumann, E. A criança – Estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995

Stein, R. Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia. São Paulo: Ed. Paulus, 1999

Stein, M. Jung – O mapa da alma. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006

Stanford, J. A. Os parceiros invisíveis. São Paulo: Ed. Paulus, 1987

Penna, E.M.D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. Salvador, 2004. Artigo (apresentado no III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana) -

Pereira, M. R. G. Percorrendo o desenvolvimento psíquico. São Paulo, 2002. Apostila do curso de especialização na Abordagem Junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho – Cogea - PUC-SP

Werres, J. Os efeitos dos modelos parentais na construção da personalidade. Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ijrs.org.br>

Whitmont, E. C. A busca do símbolo. São Paulo: Ed. Cultrix, 2010

Anexos

Roteiro de perguntas

- 1 – Você sente confiança no seu parceiro amoroso?
- 2 – O que você pensa sobre a confiança nos relacionamentos amorosos? Como foi a confiança nos seus outros relacionamentos?
- 3 – O que você acredita ter herdado da vivência com seus pais que você considera que a ajuda na sua relação atual?
- 4 – Como foi a relação com seus pais?
- 5 – Você tem alguma lembrança ou alguma imagem que identifica como um momento em que a confiança se fez presente na sua infância?

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - COGEAE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,..... RG.....

Dou meu consentimento, livre e esclarecido, para participar voluntariamente da pesquisa desenvolvida pela psicóloga Maria Constança L. R. Junqueira, RG 28979374-9 do curso de Abordagem Junguiana da PUC-COGEAE, sob orientação do Prof. Durval L. Faria.

Declaro estar ciente dos objetivos e procedimentos desta pesquisa. Obtive as informações necessárias para a participação no referido estudo, e recebi a garantia de que meus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Estou ciente de que os resultados obtidos serão divulgados para a instituição de ensino, sendo que poderei ter acesso aos mesmos.

É também, de meu conhecimento, que poderei ser atendido pela psicóloga para sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer esclarecimento que se fizer necessário, após a minha participação.

Este documento possui duas vias de igual teor, ficando uma delas sob meu poder.

.....

Participante

.....

Psicóloga

.....,de.....de 2010

